

Officina de composição  
e impressão de  
MANUEL HOMEM DE C. CHRISTO  
R. DE S. MARTINHO  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR  
Manuel Homem de C. Christo  
Redacção e administração  
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

**Assignaturas**

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignantes tem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º ANHO

Numero 435

## E O REMEDIO?

O remedio é esperar. A dictadura não se pôde manter por muito tempo. Porque se a quiserem manter atravez de tudo, então é certo que se fórma a conflagração que não está ainda preparada.

O remedio é esperar. N'este instante não se faz nada. Os monarchicos retrahem-se. Os republicanos não dispõem de elementos de exito, nem coisa que se pareça, para uma acção immediata. Supponmos os seus dirigentes capazes de todas as asneiras. De todas! Esses homens que accusam o paiz, que zombam do povo, que despedem tropos inflamados sobre a covardia, a ignorancia, o egoismo, a abjecção nacional, são, com raras excepções, tudo quanto ha de mais incoherente, de mais insensato, de mais infantil, de mais disparatado. Emfim, de mais incapaz. Com a mesma inconsciencia, representada em Afonso Costa, com que foram para a camara falar na guilhotina applicada ás pessoas reaes, com a mesma inconsciencia, representada em Brito Camacho, com que davam certa a vinda para a rua do partido republicano, para deitar a terra o velho e arruinado edificio da legalidade monarchica e constitucional, se o rei e João Franco se não apressassem a pôr Schröeter fóra do ministerio, com a inconsciencia, ainda mais desordenada, com que o Mundo e outros um milhão de vezes dêram como certa e segura a revolução, são hoje capazes d'um chinfrim, d'uma intentona de qualquer ordem ou de qualquer grau, muito convencidos de que deitam a terra, emfim, o velho e arruinado edificio da legalidade monarchica e constitucional.

Será o ultimo desastre. E um grande desastre! Será a ultima prova da vergonhosa e criminosa incapacidade dos chefes republicanos em Portugal. Sim. Criminosa incapacidade! Vergonhosa incapacidade!

O que succederá em cima d'esse desastre nem o queremos dizer. Nem é preciso. Todos o preveem facilmente.

Parece que o poder não quer outra coisa. Seria para elle uma limpeza!

Parece que o poder não quer outra coisa e já aqui o previamos em 29 de setembro na Carta de Lisboa.

«Quem sabe—diziamos—se da parte dos altos poderes do Estado não ha uma provocação? Quem sabe? Não

desagradaria a alguém viver mais quinze annos descansado. Depois do 31 de janeiro houve 14 ou 15 annos de folga. Pois não vinham do céu mais outros quatorze, mais outros dez annos, que fossem, de absoluta tranquillidade?

Quem sabe se os altos poderes do Estado desejam uma manifestação? Quem sabe se a provocam?

Elles cohecem muito bem, ou tem obrigação de cohecer, os nossos conspiradores profissionais. Sabem de quanto é capaz o seu talento de conspiração. Ao mesmo tempo estão preparados. Lá isso estão. Quem sabe se em tudo quanto se passa não ha, no todo ou em parte, uma provocação? Quem sabe? A monarchia portugueza já não vive, já não pôde viver se não de expedientes. E esse, a ter, como tem, probabilidades de bom exito, seria um expediente á altura da situação. Não ha duvida.

E com esse plano se poderia, até, conjugar a propaganda que, por conta do governo, se vem fazendo insistente na imprensa estrangeira, propaganda na qual predomina a nota de que a dictadura se justifica por o paiz se ter tornado ingovernavel.»

Assim diziamos. E, depois do que se passou d'então para cá, ninguém será hoje capaz de dizer que aventavamos uma estupidez!

Assim diziamos e assim dizem. Assim temíamos e assim tememos. Um passo em falso n'esta altura será pretexto para as maiores tyrannias, para as mais estupendas arbitrariedades. Taes, que, deante d'ellas, nos poderíamos lembrar com saudade das que se commeteram por occasião do 31 de janeiro!

Se o partido republicano tivesse chefes atilados á sua frente—e quando dizemos chefes não nos referimos sómente ao directorio—não deixariam elles de pesar a sério, muito a sério, as grandes, as tremendas responsabilidades d'esse passo em falso. Mas os chefes republicanos são o que se tem visto. De fóрма que todos os receios são justificados.

O partido republicano nada teria perdido sem as basofias, as fanfarronadas, os dichotes ridiculos da imbecilidade que a triste sorte poz á sua frente. Um partido, embora se diga revolucionario, só tem obrigação de fazer a revolução quando se sinta com forças para isso. Não faz a revolução por sentimentalismo. Fa-la por conveniencia. Não faz a revolução para perder. Faz a revolução para ganhar. Não o guia a honra do convento. Guia-o o interesse supremo dos principios que diz representar. A Prussia soffreu em silencio a hegemonia da França na Europa até

estar em condições de poder vencer a França. O Japão soffreu as humilhações da Russia até se sentir com forças de lutar vantajosamente com a Russia. O que se dá na vida dos povos dá-se na vida dos partidos.

Sem os seus erros, sem, sobretudo, as suas ridiculas, as suas vergonhosas fanfarronadas, a situação do partido republicano nada teria de deprimente n'esta occasião. Mas do mal o menos. A França encolheu-se em Fashoda e mudou de rumo. Não ficou, por isso, perdida a sua honra. Ao partido republicano só lhe resta, tambem, encolher-se e mudar de rumo.

O que elle faz, o que elle projecta, não sabemos, nem nos importa. Mas importa-nos muito o interesse da democracia em Portugal, que temos amado e pela qual temos soffrido. E porque a temos amado sempre, é que deixámos aqui expressamente o nosso aviso.

Que a não comprometam mais os que se dizem chefes republicanos. Mais não. Bastam as asneiras e os crimes praticados. Mais não!

Não tanto pelo que sabemos como pelo que apalpamos é nossa profunda convicção que tudo quanto se fizer n'este momento resultará vencido. E' nossa convicção profunda. E' nossa convicção inabalavel. E em falar n'este assumpto não levantamos lebres porque por demais anda a lebre levantada. Ora—ouçam bem—nada mais arriscado e porventura mais funesto que jogar agora uma cartada sem o maior numero de probabilidades. Façam-no. Mas que se não diga ao menos que não houve quem, contra isso, bem alto, como sempre, protestasse.

Façam-no.

Por nós, entendemos que só ha um recurso: deixar cair por si a dictadura e aproveitar o tempo bom que vier em fazer melhor provisão de elementos e melhor sementeira para o futuro. Se a dictadura cahir breve. Se não cahir... que os seus adversarios tenham o bom senso de começarem desde já a preparar-se para, com o exito que hoje é tão fallivel a deitarem então abaixo. N'uma palavra: em seguir rumo differente do que se tem seguido até hoje.

Menos parra... e mais uva.

**BODO AOS POBRES**

A Sociedade Recreio Artístico, conforme os demais annos, promove para o dia de Natal um bodo aos pobresinhos, que se realizará na sua séde á rua de S. Catharina. A ideia é sympathica e altruista e merece os maiores encoimios.

Quereis possuir a melhor bicyclette do mundo? Compreae OSMOND.

**QUEIRA PERDOAR**

Camacho, tentando justificar na *Lucta* o facto da *Lucta* não ter sido ainda suspensa, dizia na terça-feira ultima:

«Definimos o nosso programma no primeiro numero do jornal, e diz-nos a consciencia que o temos cumprido honradamente.»

Queira perdoar.

O que Camacho disse no primeiro numero da gazeta não sabemos, nem nos vale agora apena indagar. Mas sabemos o que elle disse n'uma circular enviada ás collectividades republicanas, a varios republicanos em especial e aos jornaes. E sabemos pelo que aconteceu connosco, quando o não soubessemos pelo que aconteceu a outros, como sabemos pela leitura constante da gazeta, que a *Lucta*, ou Camacho e Menezes, cem vezes tem faltado ao seu programma.

Dizia Camacho n'essa circular:

«O programma que me proponho realisar é tudo quanto ha de mais simples:—Em questões de factos, será o jornal d'uma verdade sem restricções; em questões de principios, será d'uma intransigencia sem limites. Um jornal só se auctorisa pondo o culto da verdade acima de rancores e amizades, tão alto que o não atinjam as pequeninas paixões e os pequeninos interesses que formam o trama ordinario da vida.»

Ora em questões de principios tem sido a *Lucta*, realmente, de uma bella intransigencia... reaccionaria. Que o diga a troça repetida aos immortaes principios, á emancipação da mulher, ao pacifismo, e as restricções tantas vezes postas á questão religiosa.

Em questões de factos tem sido a *Lucta* d'uma verdade tal... que ainda até hoje ninguém foi capaz de saber a sua opinião sobre o bello facto d'Afonso Costa, por exemplo, receber coisa de treze contos de réis—peça Camacho a conta certa ao compadre Ginja que compadre Ginja sabe toda a historia do caso—por... ser advogado—deputado da companhia dos phosphoros, com tamanho escandalo que ainda ha dias um official do exercito, ao explicar a Afonso Costa, quando este o abordava sobre assumptos graves, porque os proprios officiaes republicanos se mantem n'esta hora triste de braços cruzados, lhe dizia: «Clamam que, mal por mal, te preferem a ti o João Franco.»

Não faltará quem julgue isto blague. Pois não é. Julguem o que quiserem. Mas é verdade. Foi dicto com toda essa clareza nas proprias bochechas do Afonso Costa. A justiça não dorme, por mais que os interessados

ou os cumplices lhe queiram fechar os olhos.

Quanto á *Lucta* pôr o culto da verdade acima de rancores e amizades, e tão alto que o não atinjam as pequeninas paixões e os pequeninos interesses que formam o trama ordinario da vida, basta lembrar o caso d'aquelle official do exercito que foi condemnado n'um tribunal irregularissimo, por processos irregularissimos, sem que a *Lucta* tivesse uma palavra para protestar contra essa condemnação, tendo sido esse official dos que mais haviam trabalhado e soffrido pela democracia portugueza, dos que mais haviam trabalhado pela elevação do nivel moral e intellectual do proprio exercito, e tendo a *Lucta* promettido varias vezes aguardar o julgamento para falar, concluindo-se pois que se não falou é porque illustres João de Menezes e Camacho ou acharam justa a sentença do venerando tribunal, ou ella lhes satisfez aquellas pequeninas paixões, aquelles pequeninos interesses, acima dos quaes, muito acima, prometiam pôr o culto da verdade. Clarissimo. Prometiam falar e não falaram. Falariam se o official republicano fosse absolvido. Como foi condemnado, João de Menezes e Brito Camacho não tinham a dizer coisa nenhuma. Clarissimo. O que admira é o arrojo com que, depois d'essas e d'outras, os chefes republicanos de todos os graus ainda extranhem a abstenção dos officiaes do exercito na sua revolução!

Queira pois perdoar Brito Camacho. Mas a *Lucta* faltou tal ao seu programma, faltou-lhe em muitos pontos, e em alguns, por signal, um pouco escandalosamente.

Queira perdoar.

## Cartas de Lisboa

6 DE DEZEMBRO.

Se querem prova evidente da vergonhosa fallencia dos partidos ahí a tem na indifferença absoluta com que toda a gente n'esta terra encara as reuniões magnas do proximo domingo. Ninguém se importa, nem monarchicos nem republicanos. Ninguém espera nada d'alli. Já sabem todos que, resolve-se o que se resolver, não... se resolverá coisa nenhuma.

Pois isto não prova eloquentemente a vergonhosa fallencia dos partidos? Se os partidos não estivessem fallidos, e fallidos fraudulentamente, suppo-los ia alguém tão faltos de vergonha que não estivesse ancioso pelas graves resoluções que elles forçosamente haviam de tomar, porque graves resoluções, e s'graves resoluções, importam as cir um tancias a todos os partidos politicos que fossem d'gnos de tal nome?

Nunca se viu uma queda assim. Nunca se viu tamanha abjecção.

Ha dias ouvia eu a um homem altamente relacionado este incidente ricresco, mas bem significativo. Falava-se da agitação publica deante de certa pessoa de importancia. Dizia-se que os marechaes monarchicos andavam irritados. E que sempre era o diabo! Que conviria não os azedar mais! A pessoa mais importante do grupo, que estava ouvindo e fumando um grande charuto, rematou, em voz e gesto de grande desdém: «Deixa lá. Quando não me beijarem a... beijam-me o c...»

E' chulo. Mas é tudo quanto ha de mais significativo. E' uma synthese. Profundamente verdadeira!

«E' uma corja—continuava a pessoa que estava narrando e que eu estava ouvindo. E' uma corja. Merecem tudo quanto se lhe faça. «Vejam lá se o rei, diziam elles, se atreve a vir de Cascaes a Lisboa! Isso atreve elle!» O rei veio. E elles commentavam: «Veio mas foi de hiate e mettem-se logo no Paço, a correr. Elle que saía á rua, se é capaz!» O rei sahio á rua. «D'automovel, gritavam. Muito obrigado! Assim toda a gente sabe. D'automovel, a correr, de fugida! Muito obrigado!» O rei sahio de carruagem. Foi tranquillamente passear para a Avenida. Procurei-os, para os ouvir. Estavam com a mesma cara. Mas já não diziam nada! E' uma corja.»

Julgam que era um franquista que falava assim? Um indifferente? Um homem alheio aos partidos? Não. Era um partidario. Pertencente a um dos grandes partidos da opposição. E altamente considerado e relacionado n'esse partido. Ora vejam a idéa que formam dos chefes, e o que esperam d'elles, os proprios partidarios! E' a idéa que forma toda a gente.

Mas a culpa é do paiz! Para monarchicos e republicanos! Nunca é dos farçantes que exercem a acção dirigente na sociedade portugueza. Quem teve a culpa de todos elles metterem as mãos nos cofres publicos, quem teve a culpa de todos elles—falamos agora dos magnates da monarchia—fazerem da honra, dos interesses nacionaes, da honra, dos interesses da liberdade, capacho onde sacudiram a sua immundicie pessoal, foi o pobre campones que se curva sobre a terra em busca d'um bocado de pão; foi o pobre operario das cidades, que mal tem tempo para alliviar, n'uma lucta desesperada, onde se lhe vai a saude, a miseria do seu lar; foi o proprio funcionario de meia tijela, arvorado em lacaio das secretarias, ou o proprio burguez da ultima cathogoria a quem roubavam o voto ou corriam á lambada. Estes é que tiveram a culpa! Estes é que teem a culpa do poder pessoal haver attingido tamanhas proporções!

Não. Suas excellencias não hão de dizer impunemente essa infamia. Suas excellencias não hão de atirar impunemente mais esse ultraje ás faces do paiz. Não foi o pobre povo, não foi o paiz que teve a culpa. O paiz pôde ser ignorante. O paiz pôde ser ingenuo. Mas nem d'essa propria ignorancia, nem d'essa propria ingenuidade tem a culpa, porque ignorancia e ingenuidade curam-se pela educação, e jamais se pensou em educar a sério a nação. Quem teve a culpa foi a subserviencia, a indignidade, a abjecção com que se beijava o c... á tal pessoa, quando a tal pessoa, já com nojo, lhes retirava a mão.

Pois alguém atreve-se a tratar mal quem se porta com brio, com seriedade, com amôr da justiça propria e da justiça alheia?

Quem não é tolo não come d'essas araras.

Já não ha tyrannos modelo Sicilia ou Roma. Sua Magestade pôde ter tendencias auctoritarias. Pôde amar o despotismo. Mas o que é certo é que se sua magestade visse nos seus conselheiros um grande respeito dos interesses publicos e dos principios liberaes, se visse a grande maioria dos seus ministros ter por unica regra a honradez, a virtude pessoal e civi-

ca, a justiça, Sua Magestade em caso nenhum levaria as suas tendencias auctoritarias até ao ponto de os pôr no meio da rua. Não queremos agora, de forma nenhuma, defendêr Sua Magestade. Queremos simplesmente dizer a verdade. Quereamos simplesmente que todos tirem dos acontecimentos a grande lição que elles encerram.

E' bom, é mau, o rei? Não vale a pena agora averiguar. Nós só lhe temos ouvido chamar mau ao partido que está na opposição. Para todos os que estão na opposição sua magestade é quanto ha de peor. Mas, para os mesmos, sua magestade é tudo quanto ha de melhor logo que sua magestade chama os mesmos ao poder. A bondade ou a maldade de sua magestade está em dar o poder ou em rejeitar o poder. Qual era o rei, qual era o homem, bom ou mau, que podia deixar de sentir nojo por tal gente? Qual era o rei, qual era o homem, bom ou mau, que podia ter respeito, que podia ter consideração por politicos de tal ordem?

Não eram politicos, eram quadrilheiros. O rei não era para elles um chefe d'estado, era um patrão. E se o rei dissesse d'elles, como dizia o outro, se lhes retiro a mão não me beijem a mão mas beijam-me o c... tinha o rei justificadissimos motivos para o dizer e n'essas palavras o definia inteiramente. Inteira-

Quando estavam na opposição o rei era tudo quanto havia de peor, o povo era tudo quanto havia de melhor. Quando estavam na opposição a liberdade era uma deusa, a tyrannia uma megera horrosa. Quando estavam na opposição não havia santa promessa que não fizessem. Mas logo que iam ao poder, cynicamente se riam de tudo quanto tinham dicto, de tudo quanto tinham prometido. Cynicamente. Como uns farçantes. Como uns bandalhos. E agora ainda teem a pouca vergonha de censurar o paiz porque ao paiz, emfim, tambem chegou a sua vez de se rir d'elles. Porque o paiz encara de braços cruzados a sua fallencia fraudulenta, a sua quédia vergonhosa.

Mas isso, dizem-me, não são coisas que se escrevam agora. Pois quando? De que vale dizer-las mais tarde? Que lição encerram, que effeito colhem, se não forem dictas agora? Accusam-me de vendido ao governo? Teem razão. Muita razão. Nenhum d'elles faria isto senão por dinheiro. Nenhum d'elles! Monarchico ou republicano. Ou por dinheiro, ou por qualquer outro interesse desavergonhado, ou, ao menos, por influencias pessoas ou influencias de facção.

Deixei de ser official do exercito, donde me expulsaram os quadrilheiros monarchicos e os quadrilheiros republicanos, depois de ter cumprido no exercito rigorosamente o meu dever d'official do exercito da nação, para mim-bem differente do exercito real, e depois de ter dado a esse exercito uma boa parte do meu esforço e da minha intelligencia. Para não morrer de fome, nem a minha familia, não fui bater á porta dos politicos. Fiz-me caixeiro. Não convivo com politico nenhum. Absolutamente nenhum. Vivo no mais absoluto retrahimento. Na mais completa abstenção. E digo o que sinto. Quem faz isto, com legitimo orgulho o pergunto, n'esta terra de bandalhos? O que hão de imaginar de mim, o que podem imaginar de mim, senão que sou franquista, senão que sou agente do governo? Senão que sou doido, na melhor hypothese?

Imaginem. O que me distingue precisamente dos imbecis, o que faz precisamente com que a mim proprio me considere mais alto do que a covardia geral que caracteriza os homens que n'esta terra manejam uma penna, é não me prender com considerações falsas ou mesquinhas, é não ter medo da calumnia nem de coisa nenhuma para exercer a grande acção moralisadora da verdade.

Que se não devem escrever agora estas coisas! O que matou esta terra foram sempre essas e outras

imbecilidades. E' andar toda a gente ha tres seculos á espera de D. Sebastião ou, por outra, á espera de sapatos de defunctos. Ainda acreditam na revolução? Ainda estão á espera d'ella? Tenham juizo! Se por ventura são capazes ainda d'adquirir algum juizo.

Não. Hoje só ha uma coisa a fazer: tirar dos factos a moral verdadeira. Ora a grande moral, relativamente aos monarchicos, isto é aos partidos monarchicos, é que foram elles que prepararam esta situação. E' que se o rei é mau, foram elles, senão que o fizeram mau, que o deixaram ser mau, o que lhe deram todos os meios d'elle poder ser mau. Os partidos monarchicos são victimas da sua propria obra. Da sua obra desastrada. Da sua obra desgraçada.

Quanto aos republicanos, se as suas responsabilidades, sob certo aspecto, são inferiores ás dos monarchicos, sob outro aspecto são muito superiores. E' claro que não teem as responsabilidades do poder que teem os monarchicos. Mas teem a responsabilidade—tremenda responsabilidade!—de haverem completado a anarchia dos espiritos, a desorientação, a desmoralização d'esta sociedade decadente. Mas teem a responsabilidade de haverem constituido um partido nos mesmos moldes dos partidos monarchicos. Tremenda responsabilidade!

Os republicanos vieram em nome da desmoralização. Onde e como moralisaram? Vieram em nome da desorientação. Onde e como orientaram? Vieram em nome da desvergonha dos partidos monarchicos. Onde, como e quando constituiram um partido que não pecasse pelos vicios fundamentaes dos partidos monarchicos?

Que respondam elles proprios, se na sua consciencia são capazes d'encontrar uma resposta.

Tremenda responsabilidade! Tremendissima responsabilidade! Porque acabaram de destruir a já tão fraca crença nacional. Porque queimaram até ás raizes a já tão pallida, tão estiolada esperança publica. Porque fizeram penetrar até ao amago da alma portugueza esse grande, esse horroroso veneno que se chama o scepticismo, que se chama o pessimismo.

Que importava lá a dissolução monarchica, se em face d'ella se erguesse robusta a moralisação republicana? Que importava lá a falta de civismo, de capacidade moral e intellectual dos servidores d'um velho regimem, se apparecesse provado o civismo, a capacidade moral e intellectual dos servidores d'um novo regimem? Mas que desillusão, mas que golpe, que desgraça, que desastre, se os homens do novo regimem apparecessem, sob todos os aspectos, tão viciosos, ou tão incapazes, como os homens do regimem moribundo! Dir se-hia então que assistiamos, não já á agonia d'um partido mas á dolorosa agonia d'uma patria. Seria tremendo. E foi o que aconteceu! E é essa a grande, a espantosa responsabilidade do partido republicano!

Poderiam ao menos ter aprendido com o 31 de Janeiro. Mas nem essa lição lhes serviu. Reappareceram, ao fim de quinze annos de desgraça, mais futeis, mais declamadores, mais ignorantes, mais disparatados e mais desmoralizados do que eram. Não lhes serviram de nada as provas da prisão, do exilio, d'essa longa desgraça de tantos annos.

Mal se tinham reconstituido quando João Franco foi ao poder. Datava de dois dias essa reconstituição. Só um mez antes havia sido eleito o directorio.

João Franco—ninguém o pôde negar—deu-lhes a liberdade que ninguém lhes dava ha quinze annos. Como a aproveitaram? O que fizeram? Fizeram tudo quanto era possível, tudo! para que essa liberdade novamente desaparecesse. Fizeram tudo quanto era possível, tudo, para que se proclamasse a dictadura, para que viesse o arbitrio, para que reinasse a tyrannia. Em duas palavras: fizeram uma

grande obra revolucionaria ou uma pavorosa obra reaccionaria.

Queriam a revolução? Era isso que queriam? Provocavam a reacção, chamavam a tyrannia, para justificarem a revolução? Fazem a revolução? E uma honrosa revolução? Está bem. Era um plano, como qualquer outro. Só esse plano justifica a attitude que tomaram. E mesmo assim com a condição de fazerem, repetimos, uma revolução séria, uma revolução com todas as probabilidades d'exitto, uma honrosa revolução.

Mas fazem um vergonhoso, embora sangrento chifrim? Mas não fazem nada? Eutão só deslombados, então só chibatados, então só amarrados a um pelourinho poderão satisfazer a consciencia publica, se esta palavra, afinal, já não é, como tantas outras, um mero palavrão. Porque n'esse caso, em nome da liberdade, ou a pretexto da liberdade, fizeram a mais pavorosa, a mais tremenda obra reaccionaria. Porque n'esse caso liquidam fraudulentamente, como os monarchicos, em ignobil quadrilha. Porque n'esse caso—chegamos a ter medo de acreditar em Deus!—é bem certo, é bem certo que Deus escreve direito por linhas tortas e que a dictadura não é mais que o justo castigo applicado aos tratantes em nome da politica, que embrulhados na capa dos principios, teem zombado de tudo quanto é nobre, de tudo quanto é elevado, de tudo quanto merece respeito na especie humana.

E basta. Hei de me rir da parte comica do partido republicano. Falta isso. E eu hei de me rir, já que tantas vezes julgaram fazer-me chorar. Mas fica isso para o proximo domingo. Por hoje termino pedindo a Nossa Senhora da Conceição—às vezes os herejes são mais ouvidos que os devotos—que, quando mais não faça, ao menos não junte o Centeno com o Affonso Costa.

Oh, Senhora da Conceição, dae o Centeno, mas levae o Affonso Costa! O Centeno com o Affonso Costa seria o ultimo triumpho de sua magestade, seria a ultima vingança de João Franco. Seria castigo demasiado!

Virgem Santa, tende piedade de nós!

**Prisão d'um criminoso**

Acaba de ser preso em Águeda, o celebre larpio José da Silva Vilhena Guedes, o Vaccas, natural de Lamego, por tentar arrombar a porta da igreja matriz de Ovar, fazendo-lhe alguns buracos com uma pua de arco de barbequim.

Foi o habil guarda civil n.º 27 quem descobriu que foi o Vaccas o auctor do attentado, n'uma deligencia que aquelle guarda fez a Ovar, por requisição do administrador d'ali, por quem o povo d'aquella villa se acha muito reconhecido.

**POVO DE AVEIRO**

Vende-se nas seguintes localidades:

- LISBOA
- Tabacaria Monaco, ao Rocio. Tabacaria Silva, rua D. Carlos I. 102-104. Tabacaria Filismino Paulo, rua da Prata, 205-207. Rua Nova do Almada, 46 (junto á drogaria Falcão). Havaneza de Alcantara, Mercado d'Alcantara n.º 6. Tabacaria Inglesa, Praça do Duque da Terceira, 18. Antonio Fernandes, R. Nova do Almada, 46. Kiosque Elegante, Rocio.
- ALCOBAÇA
- Antonio Vazão.
- COIMBRA
- Tabacaria Central, rua Ferreira Borges 27.

**PEDAGOGIA EXPERIMENTAL**

**DUAS SCIENCIAS**

Hamon, o grande psicólogo francês, disse: «todas as sciencias que tratam do ser humano, individual ou colectivo, esbarram com esta pergunta: o ser humano é livre ou determinado?»

Segundo o conceito que se haja formado da liberdade, assim se analisam, por uma concepção diferente, todos os fenomenos e sistemas sociais.

As duas teorias—Livre-arbitrio e Determinismo—antagonicas entre si, não se desligaram através da historia, chegando até nós como duas correntes paralelas.

Apesar da nunca interrompida co-existencia dessas inimigas figadaes, é forçoso confessar que a teoria do livre-arbitrio havendo prevalecido entre a multidão, tanto na antiguidade como ainda hoje, influiu no critério com que os homens emprenderam a edificação de quantos sistemas ideáraes, quer filosoficos, quer sociais.

Por ex: as paginas de Direito Civil, desde a primeira á ultima suam livre-arbitrio. O mesmo acontece a Direito Politico e Internacional.

Em Direito Penal a expressão *acta voluntario* indicadora da teoria predominante na sua constituição, apparece nos proémio e vae de seguida até ao classico logar das erratas.

O mesmo succede, com rarissimas excepções, tratando-se dos sistemas educativos, quer familiares, escolares ou carcerários.

E' o sistema de que paes e mestres se utilizam a ridide, empregando a repressão e o castigo como calhas condutoras de seus filhos e pupillos ao termo duma rachitica pedagogia.

Não consideram os alumnos como vivas e particularissimas individualidades, cujas idiosincrasias é preciso profundar para o empreendimento consciencioso da tarefa de educadores; julgam-os seres abstractos, plétóricos de principios e régras que jámais compreenderão.

As relações dos homens entre si estão saturadas de livre-arbitrio. Corrobora esta afirmação, a ponto de a tornar indiscutivel, a observação diaria das relações do individuo com a sociedade.

Um exemplo: Quando os governantes que vivem, — dizem, — preoccupados exclusivamente com o bem-estar commum, promulgam dezenas de leis e decretos encaminhados a proteger a propriedade individual contra os ataques dos miseros, põem a descoberto a sua crença fanatisada no livre-arbitrio e numa crassa ignorancia dos principios do determinismo.

Se os conhecessem saberiam muito bem que esses ataques são resultantes necessarias, inevitaveis, dum vasto fenomeno sociológico que se chama: miseria, alcoolismo, degenerescencia, loucura, crime ou incapacidade para o trabalho contínuo e methodico.

Se não fossem radicalmente leigos, deduziriam que a unica maneira racional e scientifica de evitar esses ataques é suprimir o mórbo da miseria.

Enquanto este não desaparecer, é evidente que tanto o miserio vulgar como o distinguido, com a mesma facilidade com que a pedra cãe e o balão sobe, saltarão os governantes, as leis e os decretos até conquistar a cura de seus males.

Guillaume du Gréef, o lente cathedrico da Universidade Nova de Bruxellas, num discurso celebre afirmou: «O meio mais seguro de impedir a perpetração do crime e do roubo é suprimir, primeiro que tudo, a miseria; a pobreza material ou psychica é muito mais destruidora da ordem, da familia e da sociedade, do que as idéas condemnadas como subversivas».

Letourneau, disse, sem mais contemplações:—Não hei de discutir aqui a velha questão do livre-arbitrio: não se perde já o tempo com essa antiga concepção, porque ha muito rompemos com todas as illusões metafisicas. A educação e ás instituições corresponde formar o maior numero possível de homens cujo mobil mais forte seja ordinariamente o mais nobre: porém esses typos humanos superiores não são em realidade mais livres que os animaes, pois a idéa de livre arbitrio não passa duma chimera metafisica que convém desterrar».

Ernest Hæckel, em *Les Enigmes de l'Univers* dá este golpe decisivo:—«A lucta ardente entre deterministas e os partidarios do livre-arbitrio, está hoje, depois de mil annos, definitivamente resolvida em favor dos primeiros. A vontade humana é tão pouco livre como a dos animaes superiores, da qual differença pelo grau, não por natureza. Sabemos hoje que todo o acto da vontade, está determinado pela organização do individuo que quer e pela dependencia do meio exterior. O caracter do Esforço, está determinado pela Herança: procede dos paes e dos antepassados; a decisão em cada acto novo depende da Adaptação ás circumstancias de momento, criando a impulsividade, conforme as leis que dirigem a estatística das paixões».

Por este breve estudo depreendemos duas sciencias perfeitamente opostas: a que se baseia no Livre-arbitrio e a que procura a sua razão de ser no Determinismo.

LIVROS  
—\*—  
**ANALISANDO**

EDUARDO DE CARVALHO

**A BOA NOVA**

(ESBÓÇO D'UM POEMA)

A' venda em todas as Livrarias.

Composto e impresso

na Tipografia «Central»

VIZEU.

Como disse no meu ultimo *Analisando*: «Se o livro é assignado por um novo, cõrro a manuseá-lo na esperança de que, rapás do meu tempo, me venha dizer coisas novas e, na sua linguagem ainda não pervertida, incitar-me a que me una a elle para a communhão das nossas energias em prol de melhor futuro. Que ingenuidade a minha! Quantas vezes a decepção me tólhe os movimentos e me emperra a lingua! A maioria dos livros ultimamente saídos a está a testemunhar a falta de criterio dos da minha geração.»

Foi com enorme desgosto que escrevi os periodos citados, porque as duas produções analisadas eram de tal fôrma nãas de ideal que ao desprazer me não pude furtar.

Afirmando que o desequilíbrio mental da mocidade portuguesa não é uma generalidade, o sr. Eduardo de Carvalho, compôs um livro de versos, a que deu o titulo: *A Boa Nova*, e modestamente sub-titulou (*Esbóço d'um poema*). Heliodoro Saigato, o falecido propagandista, apadrinhou a estreia—julgo—com um prefacio historiando a evolução dos poetas do povo.

Recebido o interessante e estético voluminho, dei de vista com o seu nome de baptismo e tratei de observar se o auctor se enfileirava com poetas choramingas e desequilibrados a que meus olhos se afizêram.

Já a dedicatória me dispôs bem para a leitura seguida: «Aos Camaradas que por todo o mundo vão arvorando a bandeira da Revolta contra uma sociedade corrompida e moribunda, oferece *um dos que chegam*.» Ora, uma pessoa que chega com tal bilhete de apresentação tem forçosamente de ser bem recebida. O que me faltava era ver se a obra correspondia á sinceridade inspiradora da primeira pagina. Fui folheando *A Boa Nova* e a cada verso lido, ia percebendo que o novato poeta tem caráter pessoalissimo como literato e nm pouco de ignorancia filosofica como pensador. Artista definido e filosofo hesitante—assim considero o sr. Eduardo de Carvalho. E, creia, que não o apouco, porque ter caráter que indique personalidade é um dos maiores bens a que todo o artista deve aspirar.

Aqui não ha lisonja, e, se o auctor d' *A Boa Nova* se pavonear com o elogio dá má idéa de si. A vaidade é a antitese da intelligencia.

A leitura fá-se fazendo naturalmente como a afirmar a unidade da estrutura do livro. Realmente bem avisado andou o joven poeta em pôr na capa o distico: (*Esbóço d'um poema*). A idéa geradora é a dum poema. O poeta é que recebeu não cumprir o fundamental desejo. Fez bem. Assim levemente esboçado diz aos seus leitores quanto poderá fazer de futuro e quando as faculdades técnicas lhe dêem fôros de artista perfeito.

Percebe-se que tem lido. O seu constante desejo de mostrar que a teoria humana se reduz a Matéria, transparece por todo o volume. Não deve ficar só por aí. O que me parece é que, além de aprofundar Buchner, deve estudar com discernimento a obra dos grandes biólogos, como Haeckel (1), Letourneau (2), Enrique Luria (3), Laloy (4), para que possa dar mais amplidão á sua idéa constante de pôr em verso as modernas teorias da seleção, não só baseadas na primitiva maneira, mas

1—Haeckel—*Antropogénie ou Histoire de l'Evolution Humaine*. Traduite par Ch. Letourneau. Paris, 1877.

2—*Historia de la Creacion de los seres segun las leyes naturales*. 6 pesetas. Edição da casa Sempere & Comp.ª Valencia. A' venda em Lisboa. Gomes de Carvalho. Rua da Prata, 158, 160.

3—*Los Enigmas del Universo*. 2 tomos. 2 pesetas. Edição Sempere. A' venda na mesma casa.

4—*Les Merveilles de la Vie*. 2 fr. 50. Edition: Schleicher Frères. Paris, 1907.

5—*Origine de l'homme*, 1 fr. *Religion et Evolution* 1 fr. 50. Editions chez Schleicher Frères.

6—Letourneau—*Biologie*. Paris, 1877.

7—Enrique Luria—*La Evolucion super-organica*, 4 fr. Libreria Fernando Fé. Madrid, 1905.

8—*La Humanidad del Porvenir*, 1 ps. Edição da «Escola Moderna», Barcelona, 1906.

9—Laloy—*Evolution de la vie*.—Éditeur Schleicher Frères, Paris.

tendo o amparo dos atuais conhecimentos.

Lendo os autores citados,—creio eu, pôde ser que esteja enganado!—ficará com absoluto conhecimento das forças naturaes que, para mim, se resumem em energia.

Transcrevo o soneto que fecha o livro, isto é, antes do Post-Scriptum.

«Ai como é triste imaginar agora  
Que surja no horizonte o novo dia,  
Sem haver olhos para vêr-lhe a aurora  
Sem ouvidos que lhe ouçam a harmonia

*A misera phalange sofredora  
Não cobre a terra abandonada e fria,  
E os mundos todos, pelo Immenso fóra  
Avançam como cegos sem um guia.*

*Então das forças de Infinita Luz  
Os novos mundos de clarões produz,  
E fôrma as novas eras da Existencia*

*Nesta lucta de fome e de miseria,  
O Ideal, tu és a lucta da Matéria,  
Encerrada na nossa consciencia!*

Segue-se o Post-Scriptum. Foi composto depois do livro, como o autor nos diz a pag. 89. O poeta violentamente emocionado com o precalço sucedido a Afonso XIII, rei de Espanha, a quando do seu casamento, escreveu um dos mais encantadores brados de revolta que tenho lido. Dir-lhe-hei mesmo: *A Boa Nova* resume-se nessas dez paginas de versos admiráveis. Ha grandeza de pensamento, arrôjo de concepção e amor de revoltado. Muito bem. Pena tenho de não transcrever na integra; S. João Franco olha-me de tal maneira desde o agasalhado do seu gabinete que, confesso a minha covardia; não me atrevo.

Nunca senti tanto o seu poderio como agora. E realmente verdade: S. João Franco existe. Resignemo-nos!—o sr. Eduardo de Carvalho por não ter a transcrição, eu por não poder pôr em fóco o seu valor. No entanto, não se resigno, por completo. De vez em quando, de á literatura nacional *Boas-Novas* suas; eu as analisarei na medida das minhas forças... analíticas.

JOSÉ SIMÕES COELHO.

**Necessidade de ferver o leite**

Nos congressos, nas conferencias, que cada anno se organisam para combater a tuberculose, dispende-se um trabalho enorme para estudar as causas e as origens d'este terrivel flagello.

Architectam-se as mais diversas theorias a tal respeito. Certos sábios querem a demolição dos bairros insalubres, outros a creação de parques e jardins no interior das cidades, outros ainda não vêem que a tuberculose possa ser vencida senão pelos sanatórios e o tratamento pelo ar.

Mas d'estas dissertações sábias não saem em regra conclusões praticas.

Todavia, segundo a opinião dos sábios mais auctorizados, resulta que a via digestiva é aquella que as mais das vezes tomam os germens tuberculosos.

E' principalmente ao leite eru, proveniente das vacas tuberculosas, que se pôde attribuir a maior parte dos casos de tuberculose.

No ultimo congresso de medicina realisado em Paris, o professor Dobove declarou que nos hospitaes e nos estabelecimentos de instrucção publica se continuava a dar leite eru aos doentes e ás creanças, apesar do perigo a que assim os expõem.

E acrescenta: «A maioria dos cidadãos francezes não sabem o que é leite fervido.

Ora como se deve ferver o leite? Explica-o assim o doutor Dobove:

—A maior parte das donas de casa imaginam que o leite está fervido logo que sóbe. Esta creença é completamente errônea. O leite sóbe a uma temperatura visinha de 70 a 80 grãos. Neste momento a albumina contida no leite coagula e sóbe á superficie formando uma pellicula que impede que os vapores produzidos se escapem. O vapor encontrando um obstáculo, levanta esta pellicula e faz trasbordar o leite. Se se tira logo o leite do lume, elle poderá conter ainda germens.

Para se ter leite fervido basta romper esta pellicula, afim de deixar escapar-se o vapor, e conservar o leite ao fogo até começar a escachoar.

**Artigos photographicos.**  
POR PREÇOS MODICOS,  
**Vendem-os Felix, Filhos**  
**AVEIRO**

**PEDAGOGIA EXPERIMENTAL**

O conhecimento das sciencias é indispensavel a todos os homens, e, muito especialmente áquelles que pretendem educar a humanidade e ser interpretes de movimentos reivindicadores, não só pelo grande numero de noções que d'ellas se obtem, como pela elasticidade de pensamento que se adquire.

Com o estudo das sciencias aprende-se a observar como deve ser; dá a experiencia da observação e grande numero de conclusões exactas.

O estudo da Realidade é a hygiene do cerebro, preserva de morbosas imaginações e guia e mantem o pensamento em justos limites.

As sciencias dividem-se em abstractas e concretas.

As primeiras occupam-se, em geral, da classe de fenomenos, quaesquer que sejam os objectos a que se referam.

As segundas indicam o conjunto de factos que se referem a um objecto ou a uma série de factos analogos, utilizando-se de todas as sciencias abstractas que possam applicar-se ás suas necessidades. Assim o calor é uma parte de sciencia abstracta; a geologia é uma sciencia completa.

*Classificação das sciencias abstractas.*

A classificação gerarchica das sciencias abstractas, de Augusto Comte é uma das concepções mais grandiosas.

No entanto recentes descobrimentos, especialmente em astronomia e fisica teem aminorado a classificação positivista no que tem de dogmatico.

As mathematicas, em suas analyses abstractas estudam as propriedades de extensão. E' uma lingua de logica perfeita: os substantivos representam magnitudes incommensuraveis; os adjectivos são os cinco pares de funções usuaes que podem sofrer combinações constantemente. O seu unico verbo conduz á afirmação de Igualdade.

Nas applicações concretas de geometria e de mecanica não se encontram senão substantivos simples: longitude, tempo que combinado por signaes das funções, dão uma infinidade de magnitudes complexas, superficies, volumes, velocidade, trabalho, força e... unidades praticas dependentes que teem servido para elevar o capitalismo.

Astronomia é a applicação mais completa da analyse mathematica; a mecanica celeste, tendo por ponto de partida a lei, tão simples, da gravitação de Newton, dá de todos os movimentos cosmicos esse conhecimento perfeito que permite prevê-los e reconstituir a sua historia.

A Fisica estuda as modificações passageiras da materia, debaixo da acção das forças que imprimem ás unuleculas, rápidos movimentos alternativos.

Em Fisica, o campo da experiencia iguala, pelo menos, o da observação.

A Chimica estuda as transformações permanentes produzidas nos corpos pelas mesmas causas fisicas ou acção de outros corpos.

A analyse chimica faz-nos conhecer a composição elemental dos corpos definidos.

A sintese, de recente creação, reconstitue, artificialmente, um grande numero de mineraes: productos da natureza organica e faz-nos antevêr para dias proximos maravilhosos resultados.

A Biologia estuda os seres viventes no estado estatico: anatomia; no estado dynamico: fisiologia.

Havendo justiça com todas as hypotheses *a priori*, conservadas como dogmas pelas religiões chamadas reveladas,—a Biologia demonstra que todos os fenomenos da vida estão subordinados a acções fisico-chimicas, sendo os corpos viventes uma classe particular de receptadores e transformadores mechanicos.

A Sociologia, tem por objecto o conhecimento das leis que regem as sociedades dos seres inferiores, os animaes mais elevados na série, e por ultimo, o Homem.

Em Sociologia não temos sahido do bolorento empirismo; quero dizer: das experiencias aventuradas, ilogicas que se renovam e contradizem sem cessar, excepcionalmente com bom resultado.

Esperámos tudo de melhor porvir e de melhores raças humanas.

Todavia, não esperámos que a sociologia se colloque em ponto igual ao das sciencias atraz descriptas, emquanto não haja estabelecido em verdadeiras bases a sciencia, que na ordem gerarchica a segue de tão perto:—a sciencia da felicidade.

Não basta dar aqui esta definição, unica verdadeira, unica clara, á qual chegam todas as que são complicadas pelas subtilezas metafisicas.

Estas buscam as regras da conduta individual ou geral que satisficam ás concepções ou aos interesses de uma determinada classe.

«A moral positiva—segundo Duprat—tende á felicidade do ser humano, é essencialmente utilitaria. As condições de sua constituição definitiva podem resumir-se em três palavras que indicam ao mesmo tempo as suas relações com a sociologia: bom nascimento, educação integral e boa organização social.»

*Sciencias concretas*: Ha tantas sciencias concretas como Artes.

As sciencias concretas em conjunto, como a sciencia industrial, podem dividir-se em tantos capitulos ou sciencias de detalhes, como objectos haja a que se apliquem, taes são por ex: a arte de fundidor, a arte de desenhador, etc.

Toda a arte, todo o acto, deve ser guiado por uma sciencia concreta que reuna todos os dados applicaveis extraídos das sciencias abstractas.

O grande infortunio provém de a Humanidade se deixar guiar, a miúdo, pela anti-sciencia que só dá ideias falsas da vida.

Façamos que se propaguem as verdadeiras noções do espirito scientifico; contribuamos com nosso esforço para sepultar os erros e os falsos raciocinios; condemnemos toda a pedagogia do Estado, que só ensina o que lhe convém para perdurar a sua existencia moribunda; e propaguemos todas as sciencias acima descriptas, por que a pedagogia experimental é a unica que pôde levantar o nivel da nossa raça.

José Simões Coelho.

**POSTAES DE AVEIRO**

Primorosa collecção de 16 novos postaes, edição de Alberto Ferreira, Porto.

A' venda em todas as casas de postaes. Depositario—Baptista Moreira. Casa Photographica—AVEIRO.

Faz grande desconto aos revendedores.

medico e cirurgião pela Escola Medico-Chirurgica do Porto

**CLINICA GERAL**

**José Maria Soares**

Consultas todos os dias das 10 h. em diante

Chamadas a qualquer hora

R. dos Mercadores — AVEIRO

**GENTRO FOTOGRAFICO**

**PORTO**

R. SÁ DA BANDEIRA—135

**TRENS DE ALUGUER**

DE

**LUTHARIO HOMEM CHRISTO**

Com cocheira provisoriamente á ponte da Dobadoira, com frente para o lado do caes, e frente para o Largo dos Santos Martyres.

Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Compraes a bicycle—«A OSMOND»

A primeira é uma ficção, creou-se á imagem e semelhança dos oppressores. Satisfazendo á imaginação atrofiou o raciocinio.

Entretendo o povo com fantasmas e creanças, timonou-o ao capricho da onda de seus interesses.

Formou a religião. Estabeleceu o dogma. Uma moral convencionalista appareceu em todas as manifestações da vida humana.

O critério exilou, dando lugar ao respeito pelos deuses basilares duma classe determinada. Inventou castas, separando os homens. Fabricou leis para refrear os impetus naturaes. A cada estremeção de revolta novas armas descobertas. Quanto mais guellas abertas mais tiros partiam a fechá-las. E assim se foram criando as diversas modalidades da sciencia livre-arbitrista.

A segunda nasceu da rebeldia contra a primeira. Impellida pela razão encontrou a justiça humana. Prêhe de raciocinios soube o homem victima das leis naturaes; procurando modificar a sua existencia tem vindo pela historia fóra a derrubar um preconceito, eliminar uma preocupação, etc.

Reivindica a verdade. Desvincula o saber monopolizado e legilizado com titulos que representam explorações e garantem incompetencias. Apostolisa o ensino integral como alvo de todas as necessidades e a méta de todas as aspirações. A esta pôde-se chamar, sem receio de desmentido: a sciencia determinista.

JOSÉ SIMÕES COELHO.

**Animatographo**

Continua dando sessões, com bastante exito, no campo do Rocio, o Animatographo Paté.

Como já dissémos, os seus trabalhos são perfeitissimos e merecem ser vistos.

A concorrência tem sido grande, vindo todos satisfeitos e admirados do que alli veem.

**POETAS**

—\*—

**I**

**AOS CRENTES**

*Ha séculos que tu, ó povo crente,  
fltas no céu um deus imaginário;  
deus que te manda ser um sanguinário,  
deus que te manda ser um padecente.*

*De joelhos tens vindo, humildemente,  
da vida trepando o ingreme Calvário,  
sempre passando as contas do rosário,  
que um bispo te impingiu, artreitamente.*

*E' tempo de pensar, ó povo triste,  
basta de creanças, basta de humildade,  
perante um deus que nem sequer existe.*

*Baixa os olhos ao mundo, que a verdade  
nisto que te rodeia só consiste.  
Rasga a Biblia e cre na Humanidade!*

**II**

**AO CAMPONÊS**

*Teu braço é um tesouro, ó cavador,  
porque essa tua enxada carcomida,  
sulcando a terra faz brotar a vida,  
mantendo a vida faz nascer o amor.*

*Abençoado seja o teu suor  
que te brilha na fronte envelhecida,  
por tanta e tanta lágrima vertida,  
em desabafo á implacavel dor.*

*Mas sustenta os papas e os reis,  
que são quem o trabalho teu consume;  
e que para te roubar te ditam leis.*

*E's tu proprio que ultrajas o teu nome,  
pois pra manter os que te são cruéis,  
tu semeias o pão... e passas fome!*

BENTO FARIA.

**Doença repentina**

Na quinta-feira d'esta semana foi acommettido de doença repentina, pelo que teve de recolher ao leito, encontrando-se em estado grave, o sr. Joaquim Teixeira da Costa, official de diligencias aposentado e com loja de barbeiro á rua Direita.

**Inauguração**

A direcção da Sociedade Recreio Artístico, inaugura no dia 1.º de janeiro, no salão nobre da sociedade, o retrato do distincto cinzelador, sr. José d'Azêvedo Leite Junior, nosso patrio, residente no Porto, que tem enriquecido a bibliotheca d'aquella associação com obras importantes.

Tambem ultimamente presenteou a mesma collectividade com um soberbo diploma cinzelado, destinado ao socio benemerito, sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto.

E' uma homenagem merecida que muito honra o Recreio Artístico.

**FÁBRICA DOS SANTOS MÁRTYRES**  
DE  
*CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.<sup>a</sup>*

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.  
Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

**ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA**  
**AVEIRO**

**METHODO JOAO DE DEUS**

LEITURA

- Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Lettura*—18.<sup>a</sup> ed., cart. 200 réis, broch. . . . . 150  
**Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande . . . . . 50000  
**Quadros Parletaes**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. . . . . 60000  
*Segunda parte—Os Deveres dos Filhos*—18.<sup>a</sup> ed., cart., 200 réis, broch. . . . . 150  
**Guia prático e teórico da Cartilha Maternal**—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos. . . . . 150

ESCRIPTA

- Arte de Escripção**—cada caderno, . . . . . 30  
**Livros de polémica sobre o Método**  
**A Cartilha Maternal e o Apostolado** . . . . . 500  
**A Cartilha Maternal e a Crítica** . . . . . 500  
 Do mesmo auctor:  
*LITTERATURA*  
**Campo de Flores**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.<sup>a</sup> ed., (esgotado), . . . . . 700  
**Prosas**—Coordenadas por Theophilo Braga . . . . . 800

DEPOSITO GERAL

**Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.<sup>o</sup>—LISBOA**  
*Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906*

DESCONTOS

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/10.  
 Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/10.  
 Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/10.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.<sup>o</sup> (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

**E FERRAGENS**

—DE—

**ANTONIO FERREIRA FELIX,**  
**Filhos (Successores)**

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alviades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.<sup>o</sup> 43 45—AVEIRO

**MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES**  
DE  
**Antonio da Costa Junior**

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás saíllias. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejus de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.  
Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

**HOTEL CYSNE BOA-VISTA**  
**AVEIRO**

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despesas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolveu tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-há á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um corretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisem de alojamentos ou quaesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

**Feitos quasi de graça só na Oficina de alfaiate**

DO  
**ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO**

RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

**Cobrança de pequenas dividas**

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas, Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatoriaes de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E' a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis.

Os exemplares serão promptamente remetidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

A' venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

**POVO DE AVEIRO**  
—DE—  
**TYPOGRAPHIA**

Ainda de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Entregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

—DE—

**Albino Pinto de Miranda**

(LARGO DE MANUEL MARIA)

**AVEIRO**

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licóres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

**Pechinchas para liquidar:**

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 300 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

SANGALHOS

**V**ENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUILTYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

**MACHINAS "PFAFF,"**

—E—

**BICYCLETTES OSMOND**

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Podem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

**Aveiro, Largo do Espirito Santo**

para verem as vantagens que estas casas lhes offercem.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

**JOSÉ AUGUSTO REBELLO**

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.